

Arte nas ruas da Amazônia setentrional: um relato dos fazeres educomunicativos de coletivos culturais em Roraima

Arte en las calles de la Amazonia septentrional: un relato de las acciones educomunicativas de colectivos culturales en Roraima

Edgar Jesus Figueira Borges
Leila Adriana Baptaglin
Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista/RR-Brasil

Resumo

Este artigo analisa as ações desenvolvidas pelos coletivos culturais Caimbé e Plac: os carimbadores malucos, que operam em Boa Vista/RR. Os autores, que também são membros desses coletivos, buscam contribuir no aprofundamento da compreensão das interseções entre arte urbana, educomunicação e ativismo cultural na Amazônia setentrional. Com uma abordagem qualitativa, é contextualizado o ambiente em que os coletivos atuam e são analisadas categorias estabelecidas com base nos registros de suas atividades em blogs, redes sociais e memória dos integrantes. Identificando conexões entre elementos educomunicacionais e os processos colaborativos vivenciados nos coletivos, o resultado aponta para a educomunicação como prática presente na atuação e organização dos grupos, por sua vez responsáveis por ações transformadoras na cena cultural em que atuam.

Palavras-chave: Coletivos Culturais; Roraima; Educomunicação.

Resumen

Este artículo analiza las acciones desarrolladas por los colectivos culturales Caimbé y Plac: los carimbadores malucos, que operan en Boa Vista, Roraima. Los autores, que también son miembros de esos colectivos, buscan contribuir a la profundización de la comprensión de las intersecciones entre el arte urbano, la educomunicación y el activismo cultural en la Amazonía septentrional. Con un enfoque cualitativo, se contextualiza el entorno en el cual actúan los colectivos y son analizadas categorías establecidas en función de los registros de sus actividades en blogs, redes sociales y la memoria de los integrantes. Identificando conexiones entre elementos educomunicativos y los procesos colaborativos experimentados en los colectivos, el resultado señala la educomunicación como una práctica presente en la actuación y organización de los grupos, a su vez responsables por acciones transformadoras en la escena cultural que operan.

Palabras clave: Colectivos Culturales; Roraima; Educomunicación.

1. Introdução

A presente construção textual reporta a uma organização de vivências nas ruas da Amazônia setentrional, a partir de dois Coletivos de Arte Urbana: o Coletivo “Plac: os carimbadores malucos” e o Coletivo Caimbé. Objetivamos aqui apresentar as perspectivas educomunicacionais presentes nos fazeres desses coletivos culturais, que desenvolvem as suas ações em Boa Vista/RR. Para isso, buscamos problematizar e entender como são realizadas e operacionalizadas as ações desenvolvidas por estes coletivos e como a educomunicação perpassa esses processos colaborativos.

Os coletivos culturais são organizações de sujeitos que atuam procurando articular os conhecimentos e habilidades dos seus integrantes para ampliar as possibilidades de atuação e operacionalização do fazer artístico. Sobretudo em estados com pouco incentivo às manifestações culturais, como é o caso de Roraima, situado na Amazônia setentrional e um dos mais novos da federação, os coletivos de arte são importantes para a promoção e o desenvolvimento da cena artística local. Assim, a estruturação de coletivos passa a ser uma alternativa de agentes culturais articularem em conjunto a concretização de possibilidades que, solitariamente, não teriam como levar adiante.

Os coletivos desempenham um papel relevante na sociedade contemporânea. Eles promovem a cultura, a diversidade, a democracia e contribuem para o avanço de causas sociais e políticas. São mais desburocratizados do que outras formas de organização social, como ONGs e movimentos sociais, não apresentando divisões internas rígidas, como secretariados, assessorias e lideranças. Isso lhes permite ser mais flexíveis e inclusivos. Outra característica dos coletivos é o seu caráter interseccional, com agendas múltiplas, que abordam questões de gênero, raça, classe e sexualidade, entre outras, refletindo a sua composição diversa, pois são formados por pessoas de diferentes grupos sociais. No que se refere à formação dos seus integrantes, à comunicação das suas atividades e à mobilização de parceiros, costumam fazer uso intensivo da internet para concretizar essas ações. Dentre outros impactos, a internet lhes permite alcançar um público amplo e conectar-se com pessoas localizadas além do seu contexto geográfico e social (Marques; Marx, 2020).

Os estudos sobre coletivos de arte revelam uma ampla diversidade de estruturas que promovem a interação entre os seus membros e o ambiente em que atuam, resultando em uma troca constante de conhecimentos (Baptaglin, 2021). Além das suas atividades, os

coletivos também se engajam na reivindicação, luta e resistência dentro dos territórios em que estão inseridos. Ademais, esses são espaços de compartilhar experiências e saberes. Na contemporaneidade, o conhecimento não se restringe apenas a ser partilhado e adquirido nas salas de aula de escolas ou outras instituições de ensino, pois ocorreram mudanças na forma como ele circula na sociedade. Conforme Martín-Barbero (2000, p. 55), vivemos em um tempo no qual “o conhecimento é disperso e fragmentado, podendo circular fora dos espaços sagrados nos quais costumava estar confinado e distante das figuras sociais que antes o detinham”. Em outras palavras, a rua contém saberes e fora das salas de aula também ocorrem relações de aprendizado e ensino, sobretudo quando falamos em ações executadas colaborativamente e organizadas de forma horizontalizada nos coletivos.

A troca de saberes entre os integrantes dos coletivos de arte remete ao processo da educomunicação por envolver o intercâmbio de conhecimentos e o uso de metodologias que envolvem desde o uso de ferramentas como celulares e computadores para pesquisa e produção, além da interação social que leva ao aprendizado pela emulação e reflexão.

No convívio com os seus parceiros de grupo, os participantes dos coletivos de arte se engajam em um processo formativo, no qual constroem sentidos e significados a partir do que aprendem. Pode ser considerada uma prática de educação não formal, a educomunicação fomenta o protagonismo dos indivíduos graças à sua horizontalidade, inclusão, colaboração e uso de plataformas multimídias (Freitas, 2019). Para a organização deste artigo, cuja base de pesquisa é qualitativa, inicialmente contextualizamos o espaço em que estão inseridas as ações dos coletivos aqui estudados, discorremos sobre o conceito e aplicação da educomunicação na arte e analisamos as categorias estabelecidas. O processo de contextualização e conhecimento das ações dos coletivos se deu a partir do conhecimento pessoal e da inserção dos autores deste artigo nos coletivos investigados, além dos registros nas redes sociais Facebook, Instagram e blog. Com base nessa investigação inicial, as categorias de análise facilitam a melhor compreensão da organização dos coletivos e facilitam a identificação das perspectivas educacionais existentes.

Este trabalho é permeado pelas vivências dos autores como integrantes de dois coletivos de artes que atuam em Roraima. Nos colocamos aqui como pesquisadores e sujeitos de pesquisa, expondo reflexões sobre as nossas atividades no campo do ativismo cultural, na perspectiva da elaboração de um trabalho de pesquisa-participantes. Fragmentados sujeitos da pós-modernidade (Hall, 2006), acrescentamos às nossas rotinas profissionais a identidade

de artistas, agentes culturais e fazedores de cultura. Nesse modo de assumir identitário surgiu a necessidade de estabelecer parcerias mais recorrentes para atingir novos patamares na nossa caminhada. Nasceu, assim, o fragmento identitário “integrante de um coletivo”. Portanto, é a partir destas conexões que sinalizamos algumas possibilidades que os coletivos abrem para a ampliação do cenário cultural local a partir das suas práticas educomunicacionais.

2. Amazônia setentrional

A área do Estado de Roraima tem uma ocupação que remonta a tempos imemoriais pelos povos indígenas. A chegada dos colonizadores europeus se deu a partir do século XVII e foi marcada por conflitos, devido à exploração de recursos naturais e à disputa territorial com espanhóis, holandeses e ingleses (Vital, 2015). Em 1943, o Território Federal de Rio Branco foi criado como parte de uma estratégia geopolítica, posteriormente renomeado, em 1962, para Território Federal de Roraima e, finalmente, elevado à categoria de Estado, com a Constituição Federal de 1988.

Assim como em outras partes da Amazônia, a colonização produziu conflitos, devido à expansão sobre os direitos territoriais, sociais e étnicos em áreas já ocupadas, perpetuando a ideia de vazio demográfico nas regiões fronteiriças, o que resultou na criação de uma imagem de violência tanto simbólica quanto física nesses lugares (Castro; Campos, 2015). Ao mesmo tempo em que a ocupação da Amazônia foi e é carregada de violências reais e simbólicas, é essa mesma chegada constante de ondas de migrantes que gera distintos focos de manifestações artístico-culturais.

No caso de Roraima, localizado na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, as ondas migratórias nacionais e internacionais vêm colaborando para o surgimento, expansão e transformação das manifestações culturais urbanas. Quando se aborda a cultura, fala-se, implicitamente, de trocas. Às existentes entre os que já estavam e os que chegaram depois à região, soma-se o intercâmbio facilitado pelo advento de plataformas como blogs, site e redes sociais, que permitem que novas levas de influências cheguem à cidade, sem que isso, necessariamente, tenha que ocorrer por intermédio de contatos face a face.

A cultura de Roraima é um processo resultante e afetado pelas ocupações demográficas acontecidas na região. Esse vai e vem constante de pessoas resulta em “uma identidade que se inventa a partir do encontro e do convívio entre as várias culturas que por

aqui passam, ou ficam” (Baptaglin, 2018, p. 162). Dentre outras consequências, nem sempre harmoniosas, esses encontros e convivências levam as pessoas a procurar agrupar-se com outros que têm interesses semelhantes no fazer artístico-cultural. Surgem, assim, parcerias que podem manifestar-se de várias maneiras, entre elas o surgimento de coletivos de arte.

Boa Vista é, atualmente, a cidade mais populosa de Roraima. Há registros, tanto na imprensa como em redes sociais, de grupos de artistas atuando em diversas áreas com a promoção de manifestações culturais em várias linguagens, como música, artes visuais e literatura. Essas manifestações de linguagens, muitas vezes, são integradas em cada atividade, propiciando ao público desfrutar de eventos de artes integradas.

3. Perspectivas educacionais no contexto artístico

A Educomunicação é uma área em desenvolvimento, que vai além de ser apenas uma disciplina escolar, sendo um paradigma, que se baseia em conceitos transdisciplinares e interdiscursivos. Caracterizada por ter natureza relacional, envolve processos mediáticos e é vivenciada por atores sociais em diversas áreas de intervenção social. O MEC (Ministério da Educação) reconhece a Educomunicação como um campo que promove o conhecimento sobre a sociedade midiática pela participação e integração comunitária na gestão democrática da comunicação. A perspectiva educacional enfatiza a dimensão cultural na comunicação, indo além das mensagens e meios, e promove a revisão dos padrões teóricos e práticos da comunicação pelos projetos colaborativos (Cortes; Martins; Souza, 2018).

Teórico pioneiro da Educomunicação, Mário Kaplun, utilizando a proposta de Educação Popular formulada por Paulo Freire, juntamente com as discussões de Juan Enrique Díaz Bordenave, sobre a existência de três modelos fundamentais de educação, discorre sobre tais modelos, categorizados como: dois exógenos e um endógeno. O primeiro modelo exógeno é o que traz a “educação com ênfase nos conteúdos”. Chamado por Freire de “educação bancária”, enfoca a transmissão de conhecimento do educador para o aluno de forma unidirecional. No segundo modelo exógeno, a “Educação com ênfase nos efeitos” visa moldar o comportamento das pessoas de acordo com objetivos definidos, recorrendo, frequentemente, a estereótipos e clichês. Ambos os modelos exógenos são criticados pela sua falta de bidirecionalidade e ênfase na produtividade, em detrimento da reflexão, sendo classificados como não emancipatórios. Para Kaplun, o modelo endógeno seria a “educação com ênfase no processo”, destacando a importância do processo educacional e a busca da transformação das pessoas e da sociedade. Nesse modelo, a ênfase não está apenas nos

conteúdos ou nos efeitos comportamentais, mas na criação de dispositivos que desenvolvam habilidades críticas e promovam a consciência social dos alunos. Partindo da realidade dos participantes, foca-se na criação de condições que favorecem o desenvolvimento de pensamento crítico para possibilitar a transformação das pessoas e da sua realidade (Márques; Talarico, 2016).

Se considerarmos que a Educomunicação tem como um dos seus elementos a promoção de intervenções e transformações sociais e que, na era contemporânea, o conhecimento flui através de canais que vão além das tradicionais instituições de ensino, como escolas e universidades (Martín-Barbero, 2002), então podemos afirmar que as atividades promovidas por coletivos culturais podem ser classificadas como ações educomunicativas, principalmente quando olhamos para as trocas de saberes intra e extra coletivos.

Como exemplos destas práticas educomunicacionais no contexto dos coletivos culturais, podemos citar a oferta de oficinas de arte-educação em escolas e comunidades, a organização de rodas de conversa e palestras, a criação de intervenções como saraus e exposições em locais públicos e privados, bem como a divulgação, nas suas redes sociais, blogs e sites, dos conceitos que regem as suas ações. Além disso, podem ser incluídas as participações em programas de mídia tradicional e em plataformas de streaming de áudio e vídeo. Com essas práticas, os coletivos impulsionam transformações em seus integrantes e no ambiente da sua atuação, promovendo a alfabetização artística, aprofundando a compreensão da arte, facilitando o acesso da comunidade às manifestações artísticas e estimulando o desenvolvimento da criatividade e a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

4. Análise

Para a organização da análise dessa investigação, partimos, inicialmente, da coleta de dados realizada nas memórias dos autores deste texto/participantes dos coletivos em questão e, também, a partir da análise das redes sociais. Com esse material, passamos a estruturar algumas categorias de análise, a fim de compreendermos melhor a forma como são articuladas as perspectivas educomunicacionais.

As categorias abaixo listadas serão desenvolvidas em subtítulos para que possamos esmiuçar as suas constituições.

Quadro 1. Estrutura de análise

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
DO PENSAMENTO ÀS RUAS	Nascimento dos coletivos Perfil das ações
JORNADAS	Ações desenvolvidas Editais
AS MARCAS DO CAMINHAR	Registros e Pegadas culturais
OLHAR O PASSADO, DESENHAR O FUTURO	Propósitos e marcas alcançadas

Fonte: Os autores (2023)

4.1. Do pensamento às ruas

Nesta seção vamos apresentar um perfil resumido dos coletivos culturais sobre os quais estamos nos debruçando. O Coletivo Caimbé iniciou as suas atividades em 2009, sempre atuando como uma associação cultural informal, sem CNPJ. A primeira atividade do grupo foi em 14 de março de 2009, com uma intervenção na Praça das Águas, Centro de Boa Vista (RR) comemorando o Dia Nacional da Poesia, com leituras, produção e exposição de poemas, além de shows musicais.

Inicialmente, o nome do grupo era Coletivo Arteliteratura Caimbé, com o neologismo “arteliteratura” indicando as áreas de atuação. Em 2015, as ações passaram a ser assinadas apenas como Coletivo Caimbé¹. A formação inicial contava com um núcleo fixo formado por quatro pessoas, atuantes nas áreas do jornalismo, artes visuais, literatura e produção cultural. Com o afastamento de dois integrantes, o núcleo de trabalho passou a ser formado por dois dos remanescentes, associados a artistas e produtores que se integravam conforme as atividades realizadas eram do seu interesse.

Antes de criarem o Coletivo Caimbé, os integrantes já manifestavam a intenção de integrar um grupo no qual pudesse desenvolver atividades artísticas e culturais. Eles percebiam, conforme os seus relatos, que tinham muitas ideias sobre o que gostariam de fazer, mas lhes faltavam habilidades e companheiros para concretizá-las. Conforme relembram, foi uma felicidade conseguir estabelecer parceria com pessoas com as quais já conviviam e sabiam ter interesses em comum, sobretudo o de pretender atuar como protagonistas do fortalecimento da cena cultural roraimense, utilizando a metodologia do trabalho colaborativo para isso. Eles já eram ativos na cena cultural, mas queriam mais,

Arte nas ruas da Amazônia setentrional: um relato dos fazeres educomunicativos de coletivos culturais em Roraima

aspirando “ser” mais em grupo, conforme a perspectiva freireana de estar no mundo para transformá-lo e retransformá-lo, intervindo na realidade para manter vivas as esperanças por uma existência melhor para todos (Freire, 2015). Aqui, a prática de metodologias educomunicativas desempenhou um papel importante no desenvolvimento do grupo, pois graças às pesquisas e compartilhamento de saberes conseguiram adquirir novos conhecimentos e aplicá-los nas suas atividades.

Por sua vez, o Coletivo Plac: os carimbadores malucos surge em 2019, como um programa de extensão da UFRR: “Poéticas e Linguagens Artísticas Contemporâneas: as transformações dos saberes urbanos pelos processos migratórios”. Essa ação é resultado de distintas atividades que já eram realizadas no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRR, como o programa Arte do Campus e o evento Grafita Roraima. Tais eventos sempre propunham oficinas, formações e intervenções artísticas urbanas que envolviam não só acadêmicos da UFRR, mas artistas locais, indígenas e, principalmente, artistas migrantes. Assim, com o programa de extensão, uniram-se as propostas. Em 2022, após os momentos difíceis da pandemia de COVID-19, os integrantes desse programa se articularam como um Coletivo de Arte Urbana, formado não só por acadêmicos do curso de Artes Visuais da UFRR, mas artistas e produtores culturais autônomos e ligados a outras instituições. Após o processo de criação, buscaram possibilidades de apoio e financiamento para a concretização das suas ações artísticas.

Nos anos de 2020 e 2021, auge da pandemia de COVID-19, viveu-se um processo bastante complicado de manutenção dos Coletivos de Arte. Mesmo assim, o Coletivo Plac conseguiu realizar encontros virtuais e presenciais com os cuidados necessários e exigidos neste período. Esses encontros foram essenciais para a manutenção da coletividade, do apoio mútuo e do incentivo à produção artística dos integrantes do Coletivo.

Apesar das dificuldades contextuais, os coletivos continuaram as suas ações, debatendo como agir, dividindo tarefas e aprofundando o saber sobre a prática do trabalho em grupo, impactando positivamente o seu percurso como artistas e ativistas. Assim, trouxeram a educomunicação para um plano prático, com ações e reações. Essa parceria interna lhes permitiu operacionalizar e continuar a luta pela promoção da arte urbana em Boa Vista/RR.

4.2. Jornadas

Na ativa desde 2009, o Coletivo Caimbé organizou e participou, como parceiro ou convidado, de muitas atividades focadas em literatura e artes, produção de eventos, ações educativas, mobilizações relacionadas ao desenvolvimento de políticas culturais e organização social. Os seus integrantes também ministraram palestras e mesas redondas, além de prestar consultoria cultural e de comunicação para outros grupos e artistas. A educomunicação tem como proposta a descentralização do saber e a implantação das suas práticas em todo e qualquer espaço, político ou físico, no qual seja possível estabelecer uma relação educativa horizontalizada. Além disso, uma das suas áreas de intervenção é a expressão comunicativa pelas artes (Márques; Talarico, 2016). A partir da relação de ações promovidas pelos coletivos culturais, percebe-se, nas suas jornadas, a existência das práticas educomunicativas perpassando os seus fazeres.

Em Roraima, o Coletivo Caimbé já esteve presente em oito dos 15 municípios do Estado. Brasil afora, ele representou a literatura setentrional nos estados do Amazonas, Amapá, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraná, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e no Distrito Federal. Destacamos a literatura, porque apesar de ter organizados mostras de cinema, exposições de artistas visuais, shows musicais e oficinas, entre outras ações, foi essa linguagem a que sempre se destacou nas atividades.

A ação mais recorrente foi a realização de saraus misturando poesia e música, iniciativa implementada desde o primeiro ano de atuação. Ressaltamos aqui a atividade denominada Sarau da Lona Poética, que promoveu, a partir de 2014, encontros mensais de poetas novatos, veteranos, leitores e uma ampla gama de artistas em praças, espaços culturais e livrarias. O nome foi uma referência às lonas estendidas pelo grupo em espaços abertos para servir como área onde as pessoas poderiam sentar-se para compartilhar e ouvir poemas. A iniciativa persistiu até mesmo durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19, quando, pela impossibilidade sanitária de fazer encontros presenciais, teve edições virtuais, com transmissão pelo YouTube e outras plataformas digitais.

A jornada do Coletivo Caimbé quase sempre foi autofinanciada pelos integrantes de seu núcleo duro. Entretanto, aproveitando as políticas culturais do Governo Federal, entre os anos de 2010 e 2016, o grupo conseguiu financiamento via edital ou prêmios para realizar três projetos em Roraima e outras unidades da federação: o Caminhada Arteliteratura, de 2011, realizado em comunidades das Terras Indígenas Raposa/Serra do Sol e São Marcos/Roraima,

Arte nas ruas da Amazônia setentrional: um relato dos fazeres educomunicativos de coletivos culturais em Roraima

idades de Pernambuco e Alagoas e comunidades ribeirinhas do Amapá; o Mais Cultura nas Escolas (2015/2016), também com ações na Terra Indígena São Marcos, e o projeto Saraus Poéticos Caimbé (2015/2016), com atividades em três municípios de Roraima. A última ação do Coletivo Caimbé foi em outubro de 2021, com um sarau on-line realizado durante a pandemia de COVID-19. Desde então, o grupo permanece em pausa, como costumam responder os seus integrantes quando inquiridos sobre novas atividades.

O Coletivo Plac: os carimbadores malucos apresenta uma trajetória bastante recente, surgindo a partir das demandas locais e com foco nas intervenções artísticas urbanas. Com um olhar voltado para o contexto migratório, o coletivo tem a preocupação de acolher e integrar artistas e sujeitos migrantes, em especial os venezuelanos. Sabemos que desde 2017 a Venezuela vem passando por um processo de crise econômica, que desencadeou a imigração forçada de muitos dos seus habitantes. Roraima, por sua proximidade geográfica, foi e é um dos focos da imigração. Para receber essa população, foram criados abrigos de recepção dos migrantes/refugiados. Novos espaços foram sendo criados com o aumento da demanda. No ano de 2023 havia, no estado de Roraima, sete abrigos, sendo cinco deles em Boa Vista e dois deles na cidade de Pacaraima, na fronteira com a Venezuelaⁱⁱ. Nos abrigos da capital, em abril de 2023, havia um total de 5.439 abrigados, sendo 1.611 indígenas, conforme dados da Agência do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Esse cenário complexo foi e tem sido um dos espaços de atuação do Coletivo Plac, que trabalha em diversas frentes, ofertando oficinas de linguagens artísticas; grafite e muralismo nas escolas e nos abrigos existentes em Boa Vista/RR. Foca-se, principalmente, no muralismo como uma possibilidade de criar cenários de aproximação/integração, tendo em vista que o mural não é realizado por uma pessoa, mas pelo coletivo envolvido. Assim, sendo cada obra uma nova empreitada com novos colaboradores, há sempre a formação de novos grupos.

Nesses três anos de atuação, o Plac já realizou intervenções em vários espaços de Boa Vista, incluindo os abrigos para imigrantes indígenas e não indígenas. Além da atuação na cidade, o coletivo já se deslocou para o município de São João da Baliza, na região Sul de Roraima, em parceria com o SESC/RR.

As intervenções do Coletivo Plac são sempre mobilizadas a partir de demandas da sociedade e/ou dos seus integrantes. Assim, a realização de oficinas de formação tem sido um trabalho recorrente e que proporciona a divulgação e aproxima novos parceiros. As

intervenções artísticas urbanas também são, na sua maioria, promovidas por solicitação de organizações que conhecem o trabalho do Plac. Impulsionados pela necessidade do fazer artístico, os integrantes se organizam para dar conta de atender às demandas e garantir a integração com a comunidade. Aqui podemos distinguir, claramente, a aplicação do modelo endógeno da educomunicação, conforme a proposta de Kaplun, que promove a educação dando ênfase ao processo e trazendo o público atendido para discutir e propor o que gostaria de saber para fortalecer-se como indivíduos e comunidade (Márques; Talarico, 2016).

Nas suas jornadas, os Coletivos Caimbé e Plac apresentam pontos em comum. Além de ambos terem optado por atuarem no segmento cultural, procurando levar arte para as ruas da cidade de Boa Vista (e além dela), o seu caminhar mostra como as parcerias internas são tão importantes como as externas. Sem fluxo de saberes e sem mobilização dentro dos grupos, abrindo-se a novos integrantes e responsabilidades, dificilmente teriam ido além da primeira ou segunda ação. Sem procurarem estabelecer alianças com outros grupos ou instituições, o alcance dos seus trabalhos poderia ter ficado aquém do esperado, desestimulando os integrantes e propiciando o fim precoce das iniciativas. Fazer parte de um coletivo resulta também no amadurecimento dos seus integrantes, consequência da troca permanente de informações e da formação que o trabalho em grupo promove. Soma-se a isso que os coletivos também atuam como agentes de formação crítica e se terá um fluxo contínuo de reflexões sobre o que se faz, como se faz e para quem se direciona o fazer do grupo, favorecendo a criticidade dos integrantes e permitindo que aprofundem o alcance pretendido nas suas atividades. A educomunicação se manifesta durante todo esse processo, principalmente quando lembramos que Paulo Freire acreditava na força que tem as relações e trocas entre as pessoas para permitir reinventar a humanidade e o mundo. Nada mais acertado para definir as ações transformadoras dos coletivos que lembrar desse processo relacional que abre caminhos para a produção de interconhecimentos, que se compartilham e instrumentalizam aqueles que sonham, lutam e projetam por amanhã diferentes. Afinal, “não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização” (Freire, 2015, p. 62).

4.3. As marcas do caminhar

No que resultou e como se deu toda essa jornada percorrida pelos coletivos Caimbé e Plac? Essa pergunta tem resposta parcial ao se consultar os registros de memória destes grupos. Tanto no Coletivo Caimbé como no Coletivo Plac houve sempre uma preocupação constante em armazenar nos seus blogs e/ou redes sociais todas as atividades realizadas, publicando fotografias, vídeos e relatos escritos, além de investir muito na divulgação em veículos de comunicaçãoⁱⁱⁱ.

A ideia dos Coletivos é a de sempre ter um arquivo público para consultas rápidas quando necessário, compartilhar experiências com outras pessoas interessadas em exemplos de coletivos agindo no extremo Norte do Brasil e garantir a visibilidade dos grupos. No entanto, percebemos que essa preocupação quanto ao registro dos trabalhos não se estendeu à quantificação do número de pessoas participantes das ações promovidas, ficando esse número sem registros exatos. Refletindo sobre o impacto dessa informação quando se trata de memória de trabalho e elaboração de relatórios para parceiros que os solicitem, concluímos que existe a necessidade de implantar essa metodologia para consolidarmos o alcance das nossas atuações.

Sobre as alianças estabelecidas no caminho, desde a sua criação, em 2009, o Coletivo Caimbé estabeleceu parcerias com diversas instituições, como o Sesc-RR e a Universidade Federal de Roraima (UFRR), além de agentes culturais de Roraima e de outros estados, construindo uma rede de apoios pontuais para as ações próprias e para as outras atividades. Essa rede garantiu apoios logísticos em algumas ocasiões, permitindo o avanço dos trabalhos e o intercâmbio de saberes.

Entre os resultados do trabalho do Caimbé podem ser destacados dois momentos: o prêmio Anu de Ouro ao projeto Caminhada Arteliteratura, concedido pela Central Únicas das Favelas (Cufa) às melhores iniciativas sociais de cada estado em 2011, e a representação de toda a região Norte no Encontro Nacional de Saraus (SarALL), realizado pela Festa Literária das Periferias (Flupp), durante a 17ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, em 2015.

O Coletivo Plac: os carimbadores malucos também apresenta, pelo seu nascimento junto à UFRR, uma vinculação com instituições de formação como a própria UFRR, além de parcerias com o Sesc/RR e ONGs que atuam no contexto de migração em Roraima.

Percebemos, assim, que essas “pegadas artísticas” deixadas no cenário cultural, seja a partir dos registros, dos comentários, das lembranças e mesmo nas paredes e muros na cidade, são reflexo e consequência de uma atuação coletiva e compromissada com o contexto cultural local e com o desenvolvimento da sociedade envolvente. Esse é um processo que se relaciona também com o fortalecimento da noção de cidadania. Imersos em processos educacionais e envolvidos com ações de resistência e produção cultural, os integrantes dos coletivos são levados a refletir sobre a sua própria existência no mundo, reinventando-se e passando a aspirar novas metas de vida para si e para a comunidade. Assim, ao propiciar práticas de reivindicação e ampliação de direitos, a educação, como campo de intervenção social, amplia as dinâmicas de atuação na sociedade, estendendo as consequências das ações dos grupos para os contextos sociais de seus integrantes, como família e comunidade (Morigi; Corrêa; Guindani, 2014).

Os coletivos culturais, pela sua própria dinâmica interna de movimentar-se à base do pluralismo de ideias no planejamento e na execução de suas atividades, são espaços de compartilhamento de saberes. No Plac e no Caimbé, esse processo se dá nas etapas que antecedem e precedem cada ação, envolvendo pesquisas sobre o que fazer e como desenvolver as atividades, reuniões presenciais ou virtuais, troca de mensagens via aplicativos de texto, avaliação das atividades, preparação de material para as mídias sociais e jornalísticas, além da escuta do público e dos participantes, por exemplo. Cada situação dessas envolve diversas trocas e aprendizagens particulares e grupais.

Podemos afirmar, a partir das experiências resultantes do nosso envolvimento nestas vivências, que construir coletivamente ações implica um constante aprender e reaprender a fazer as coisas. Considerando isso como um processo educacional, pode-se dizer que essas trocas abrem “um caminho promissor e consistente, que possibilita diálogos de saberes” (Vasconcelos; Albarado, 2023, p. 19) e leva ao aumento da criticidade dos envolvidos, permitindo que desenvolvam as suas capacidades reflexivas.

Essa constatação nos leva a considerar que a produção de arte em coletivos e a aplicação dos princípios de Paulo Freire no campo pedagógico possuem paralelos. A compreensão mútua, a utilização de uma linguagem compartilhada e o diálogo entre iguais são elementos essenciais tanto para os grupos de arte quanto para as práticas inspiradas na pedagogia freiriana. São essas trocas horizontais que promovem a integração e a mobilização, impulsionando um processo de transformação social (Martins, 2019). Dito de

outra forma, na experiência social da produção de arte, o diálogo intra e extra-grupo gera experiências enriquecedoras para todos os envolvidos.

4.4. Olhar o passado, desenhar o futuro

O que fica depois que a gente caminha tanto? Como avaliar se o feito foi pouco ou muito diante de tantas possibilidades como coletivos de artes, diante de tanta memória positiva e felicidades registradas em postagens em blogs, redes sociais e matérias jornalísticas?

No caso do Coletivo Caimbé, avaliamos que o seu propósito de criação foi atingido, tendo realizado muitas ações voltadas ao desenvolvimento do segmento literário em Roraima, colaborado para integrar pessoas que fazem e apreciam a arte na Amazônia e no Brasil e atuado para fomentar a arte como instrumento de cidadania, levando-a para espaços abertos e de forma interativa. Como exemplo, destacamos o Sarau da Lona Poética, certamente a nossa ação mais relevante. Iniciado em 2014, foi até 2021 o único evento regular de literatura aberto a todos os públicos em Roraima. Sem cobrança de ingresso e às vezes feito mais de uma vez por mês, a Lona Poética favoreceu o amadurecimento artístico de muitos jovens poetas que encontraram nela acolhimento para a sua arte.

No caso do Coletivo Plac: os carimbadores malucos talvez ainda não possamos afirmar a sua consolidação, mas podemos confirmar o interesse e o crescimento do coletivo, tendo em vista o número de artistas que se somaram à causa. No ano de 2019, faziam parte seis integrantes e, em 2023, somos, aproximadamente, 20 artistas, que trabalham diferentes linguagens artísticas urbanas e mobilizam produções distintas em nome do grupo.

Apesar de atuarem focados em linguagens artísticas diferentes, os coletivos Plac e Caimbé têm em comum o propósito de tornar a arte mais acessível para a comunidade que não consegue frequentar um teatro ou uma galeria de arte. O acesso e as discussões advindas abrem espaço para transformações sociais e para modificações contextuais. Esse é um dos objetivos da educomunicação. Assim, os coletivos atuam como arte-educadores na rua, fornecendo, gratuitamente, fruição artística para aqueles que participam das suas iniciativas. Seja elaborando um mural, promovendo uma oficina formativa ou apresentando a diversidade poética existente, os coletivos e os seus integrantes exercem a função de transformadores do mundo em que estão inseridos. Para alguns pode ser pouco expressivo o alcance, quando comparado, digamos, a uma ação governamental ou institucional com

muitos recursos humanos e financeiros, mas para parte da população, o simples fato de ter contato e participar de uma performance artística pode significar não apenas um dia melhor, mas também conhecer uma nova forma de olhar para o mundo. As ações dos coletivos, nesse sentido, colaboram para que artistas e público passem a transformar e retransformar o mundo, sem render-se a simplesmente adaptar-se ao que já está posto. Isso é o que Freire (2015) chama de “ser” no mundo: essa capacidade de intervir na realidade para permitir a manutenção da esperança.

A ação dos coletivos de arte também fortalece as cenas culturais em que atuam, pois as trocas de saberes acontecidas durante o convívio social contribuem para o crescimento pessoal e profissional de seus integrantes. O diálogo favorece o aprendizado e o fortalecimento da noção de cidadania, considerando que “cultura e educação são aspectos da vida que se articulam mutuamente, possibilitando que no processo educativo, pelo simples fato de estar vivendo, o homem esteja aprendendo na sociedade” (Luciano, 2011, p. 84). Além disso, a interação dos integrantes com o público atendido também gera transformações: os artistas e agentes culturais influenciam e são influenciados pela comunidade que se dispõe a opinar, sugerir e colaborar com eles. A magia do saber compartilhado acontece nesse momento da troca. Essa é uma educação acontecida fora da sala de aula, em um modo horizontalizado no qual todos dialogam e se transformam.

5. Considerações finais

Tendo a escola deixado de ser o único lugar onde o saber era legitimado e estando a sociedade vivendo uma época de múltiplos canais de circulação de saberes (Martín-Barbero, 2000), os coletivos culturais se apresentam como uma forma de difusão de conhecimentos. As suas metodologias de trabalho educomunicativas, envolvendo o uso de ferramentas digitais e a conversa horizontalizada, ampliam as possibilidades de aprendizagem e fortalecimento da cidadania dos envolvidos nas suas dinâmicas, seja como promotor ou como público.

Com esta investigação procuramos apresentar a articulação das ações dos coletivos na sua perspectiva educomunicacional. Mesmo percorrendo jornadas diferentes, devido às experiências derivadas dos processos educomunicativos que vivenciam, os coletivos têm em comum a existência de trocas de saberes entre seus integrantes, com o público e agentes parceiros, permitindo aprendizagem e colaboração contínua.

Arte nas ruas da Amazônia setentrional: um relato dos fazeres educomunicativos de coletivos culturais em Roraima

Roraima, estado com uma cena artística ainda em desenvolvimento, tem muito a ganhar com a ação dos coletivos culturais. Além de configurar-se como estratégia eficiente para conseguir mobilizar agentes culturais, esses grupos permitem o compartilhamento acelerado e eficaz de conhecimentos e de recursos. Criando espaços de atuação conjunta, colaboram para destacar a diversidade cultural, estimular a participação da comunidade, fomentar a criação artística local e buscar parcerias e apoios para fortalecer a cena cultural.

Na coletividade, como evidenciamos, artistas e outros agentes culturais conseguem articular a realização de projetos que envolvem diferentes linguagens artísticas e experimentações, o que, individualmente, seria mais difícil de alcançar. Isso repercute também na criação de espaços de acolhimento e promoção da diversidade cultural, valorizando diferentes expressões artísticas, tradições e identidades locais.

A organização em grupo facilita a articulação e o estabelecimento de parcerias e canais de diálogo com diferentes integrantes da sociedade na busca de apoio e reconhecimento para as atividades realizadas. Criar, manter e persistir na estruturação de coletivos culturais demanda estar disposto a trabalhar em grupo, disposição para engajamento, para aprender sobre organização e para estabelecer uma visão em médio e longo prazo. Isso parece fácil, mas exige dedicação e mente aberta para enfrentar e superar desafios. Por isso, é fundamental que os coletivos tenham acesso a políticas públicas e programas de incentivo à cultura em todos os níveis. Dessa maneira, eles podem articular a sua sustentabilidade e continuar desenvolvendo atividades em prol da arte e da cultura.

Diante do exposto, concluímos que nos coletivos de arte os processos educomunicacionais proporcionam um ambiente propício para que os participantes aprendam com seus parceiros de grupo, construindo sentidos e significados de forma colaborativa, além de explorarem a linguagem artística como meio de expressão e reflexão. Isso contribui para o desenvolvimento de competências sociais, criativas e críticas, ampliando as possibilidades de aprendizado e crescimento dos envolvidos.

Referências

BAPTAGLIN, Leila Adriana. A cultura escolar em Boa Vista/RR: um olhar para a docência em artes dos professores do Polo Arte/UFRR. In: SILVA, Ivete Souza da; MENDES, Jefferson; LUGE, Vinicius (Org.). **Políticas públicas e o ensino de arte: processos educativos em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018. p. 161-180

BAPTAGLIN, Leila Adriana. Educomunicação nos movimentos artísticos urbanos

venezuelanos:Muraleja, Urbano Aborigen e Ksa La Tribu. **Comunicação & Educação**, v. 26, n. 1, p. 94-106, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165540>. Acesso em: 3 dez. 2021.

CASTRO, Edna R. de; CAMPOS, Índio (Org). **Formação socioeconômica da Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2015. 640 p.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982018000100105&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 329 p.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Educomunicação como Recurso de Midiativismo. **Rev. Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 232-261, out. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223794602019000400232&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jul. 2023.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006. 102 p.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MÁRQUES, Fernanda Telles; TALARICO, Blueth Sabrina Lobo Uchôa. Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”. **Atos de Pesquisa em Educação**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 422-443, set. 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4897>. Acesso em: 27 set. 2023.

MARQUES, Marcelo de Souza; MARX, Vanessa. Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, [s.l.], v. 7, n. 3, jul.-dez., p. 08-32, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33691>. Acesso em: 25 set. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvenes: comunicación e identidad. **Revista Digital de Cultura da OEI**, [s.p.], fev. 2002. Disponível em: <http://www.oei.es/historico/pensariberoamerica/ricooao3htm>. Acesso em: 20 set. 2023.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. Temas Geradores e Artefatos Culturais: ensinando línguas na Educação Indígena Diferenciada. In: GOMES, Antonio Almir Silva (Org) **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena**. Macapá: UNIFAP, 2019. p. 65-81. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2020/08/ensino-de-linguas-e-educacao-indigena.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MORIGI, V. J.; CORRÊA, F. Z.; GUINDANI, J. F. Mídias Escolares: a cidadania na prática da educomunicação. **Comunicação & Educação**, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 51-59, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81227>. Acesso em: 17 jul. 2023.

Arte nas ruas da Amazônia setentrional: um relato dos fazeres educomunicativos de coletivos culturais em Roraima

UNHCR-ACNUR. **Perfil dos abrigos em Roraima.** Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZTRhOWVIOTgtYTk2MSooYmY3LWWEyY2YtMGM1Y2MzODFjMmVjliwidCI6ImU1YzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBjLTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9.> Acesso em: 24 abril 2023.

VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira; ALBARADO, Edilson da Costa. Educação, formação docente e territorialidades amazônicas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 20, n. 223, p. 13-23, jul. 2020.

VITAL, Marcos J. S. Formação Socioeconômica do Estado de Roraima. In: CASTRO, Edna R. de; CAMPOS, Índio (Org.). **Formação socioeconômica da Amazônia.** Belém: NAEA/UFPA, 2015. 640 p.

Notas

ⁱ No blog do coletivo explica-se a escolha do nome “caimbé”, nome popular da planta *Curatella americana* L.: “é usado como uma metáfora. A planta que identifica o grupo resiste a tudo o que se faça contra ela, do mesmo jeito que a arte e a cultura. Mesmo no mais rigoroso verão e passando pela mais criminosa das queimadas, o caimbé continua de pé, acima das gramíneas, altivo, marcando a paisagem do lavrado de Roraima”.

ⁱⁱ Os abrigos de Boa Vista são: Pricumã, Rondon 1, Rondon 5 e os abrigos indígenas do Jardim Floresta Waraotuma e Tuaranoko. Os de Pacaraima são BV-8 e o abrigo indígena Janokoida.

ⁱⁱⁱ O primeiro blog do Coletivo Caimbé foi o <http://www.literaturacaimbe.blogspot.com>, sendo substituído pelo <http://caimbe.blogspot.com/>. O grupo mantém perfis nas redes sociais Twitter, Facebook, Instagram e YouTube. Já o Coletivo Plac tem perfis no Facebook e Instagram.

Sobre os autores

Edgar Jesus Figueira Borges

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/Polo Boa Vista – RR). Técnico-Administrativos em Educação/Jornalista na UFRR. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1373-7074>. E-mail: edgarjfborges@gmail.com

Leila Adriana Baptaglin

Pós-doutora em Filosofia e Ciências Humanas. Professora/pesquisadora Auxiliar 40h DE do Curso de Artes Visuais/Licenciatura da UFRR, Boa Vista - RR. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia – PGEDA/UFRR. Coordenadora do Grupo de estudos e pesquisas em Patrimônio, Arte e Cultura na Amazônia (GPAC). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8137-0913>. E-mail: leila.baptaglin@ufrr.br

Recebido em: 28/10/2023

Aceito para publicação em: 19/01/2024